



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

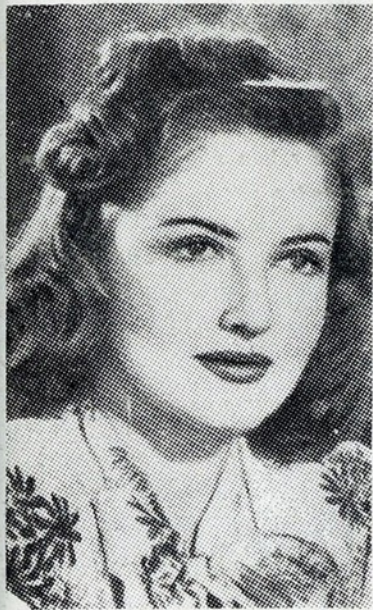
Director: Guilherme P. da Rosa
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 996

6--MARÇO--1949

O DIVORCIO DE MARTHA VICKERS



DEU BRADO EM HOLLYWOOD

UM dos divórcios que maior brado deu em Hollywood, recentemente, foi o da formosíssima vedeta Martha Vickers. Tinha-se casado, cinco meses antes, com A. C. Lyles. Durante aquele período obstinou-se em dar provas de uma completa felicidade. De súbito, pediu o divórcio, com o fundamento de que o seu temperamento não se conciliava com o do marido. Os conjuges apresentaram-se, juntos, perante o juiz. Martha, elegantíssima, como sempre, sorria por tudo e por nada... Alegrementemente, declarou que os motivos que a levavam a pedir o divórcio eram muitos: Lyle era um solitário e ela gostava das reuniões de sociedade; ele era um estudioso, enquanto que ela era pouco instruída; Lyle gostava da penumbra e ela da luz; ele preferia o campo e ela a cidade.

Por fim, o tribunal, ao conceder o divórcio, condenou Martha Vickers a abandonar a «villa» onde vivia com seu marido, embora fosse propriedade dela, para resgate de prejuizos e danos causados a A. C. Lyle. Quando abandonou a audiência, Martha já não tinha vontade de rir...

CRÓNICA

História de um leque chinês

Por ARTUR PORTELA

SOU um velho leque de varetas de charão, asa nervosa de seda azul onde um artista chinês, com inverosimil paciência, pintou, entre um pagode de jade e a hiperbole alada de um bando de cegonhas, uma estranha procissão de monges manchus.

Durante anos estive fechado num cofre de sândalo, entre amuletos de misterioso sortilégio e diamantes negros, que um escravo nubio recolhera nas margens sagradas do Eufrates.

Um dia, porém, mão violenta arrancou-me daquele sombrio túmulo de riquezas. Vi, então, uma estranha luz de poente e sangue. O humilde artista, que me dera vida, beleza, graça feminina, morria decapitado sem um grito, uma crispação, num extase voluptuoso de martirio.

Todos os seus tesouros foram saqueados. Pertenci depois a um mandarim cruel como um abutre, que percorria o Império prégando a guerra santa contra os selvagens brancos do Ocidente.

Mais tarde desci o rio Amarelo, num sampam, até a um grande porto do Pacífico onde fui trocado por uma mancheia de piastras.

Conheci, então, a Europa, as vitrinas dos antiquários de Londres, entre outros leques graciosos, frívolos, historiando legendas de pastoras e reis, ao estilo delicado de Watteau.

Teria ali envelhecido se não fosse o capricho de uma duquesinha fina como um bambu e luminosamente loura, que, a sorrir, me levou ao seu primeiro baile.

Nos seus dedos parecia uma borboleta adejando entre os estames de uma flôr.

Fui o seu pagem, o seu confidente.

Encostado ao seu coração, ouvi-o chorar, quando ela sorria, e palpitar de alegria no instante supremo em que um beijo de amor a tornou, perdidamente, fragilmente, mulher.

Fui feliz naquela mão delicada, preciosa, que sabia mandar, num gesto sem recusa, até a loucura, a perdição, a própria morte. Mas, um dia, senti que já nada era para ela. Quando muito uma curiosidade exótica de museu.

Pouco tempo depois, a duquesinha sepultou-me num cofre, entre as cartas do seu primeiro amor, que nunca mais tornou a ler e um lenço de rendas, perfumado de lágrimas, as únicas que a vi chorar — sem ela saber porquê.

São tão futeis as mulheres!

Este número foi visado pela Comissão de Censura

CINEMA ★ MUNDIAL

LONDRES — Encontram-se nesta cidade duas das maiores celebridades de Hollywood: Ingrid Bergman e Spencer Tracy. A primeira, como prova de alto apreço pela sua actuação em «Joana d'Arc» foi eleita membro de honra do 8.º Regimento de Cavalaria. A segunda conquistou a simpatia dos meios cinematográficos, por ter declarado que em Hollywood não existem actores da categoria de Sir Lawrence Olivier, Ralph Richardson e Robert Donat.

«Faltam actores — acrescentou — e os que há não têm preparação cénica».

Para que ninguém duvidasse da sinceridade das suas palavras, Spencer Tracy disse que tinha tomado parte em quarenta películas, mas que o seu trabalho fóra mediocre em trinta. E declarou:

— «A culpa é minha!»

///

HOLLYWOOD — Samuel Goldwyn, um dos mais célebres produtores do cinema americano, acaricia a realização de um projecto grandioso, fazer um filme sobre a vida de John D. Rockefeller, que foi o homem mais rico dos Estados Unidos.

///

BUENOS AIRES — A Direcção Geral dos Espectáculos Públicos decidiu proibir a exhibição de todas as películas de origem italiana. Esta determinação criou sérias dificuldades de exploração a algumas firmas distribuidoras, em virtude de não poderem cumprir contratos, anteriormente firmados, com um número importante de cinemas.

///

BUDAPESTE — A Liga Cinematográfica de Budapeste submeteu à apreciação do ministro do Interior uma lista de filmes que, na opinião dos membros daquele organismo, devem ser proibidos pela censura, em virtude da natureza dos argumentos. Entre as películas mencionadas figuram: «As chaves do Reino», «O bom Pastor», «A canção de Bernardette» e «Os sinos de Santa Maria».

///

ROMA — Orson Welles, que toma parte no desempenho do filme «The Prince of Foxes», que Tyrone Power está interpretando, ficou ligeiramente ferido, em consequência de o avião, que o devia conduzir a Turim, ter feito uma descida forçada.

///

BOGOTÁ — Durante o mês de Novembro, foram exibidos, nesta capital, 32 filmes produzidos em diferentes países. É difícil dizer qual deles obteve o agrado do público. Todos se cotaram pela má qualidade com excepção de três: «Crime em Paris» (francês), «Rainha Santa» (versão espanhola) e «A lua escondeu-se» (italiano).

ASPAS & SUBLINHADOS

Por
**RODRIGO
DE MELLO**

MEMENTO

«Absinto» se chamava a grande estrela caída — e que há-de cair — do céu como um facho luzentíssimo, ao som terrífico da trombeta do Terceiro Anjo do Apocalipse, sobre terça parte dos Rios e sobre as Fontes. Por ela morreu — e há-de morrer — grande número de homens, vítimas de matarem a sede quando já os mananciais eram (ou forem) amaríssimos ou salgados de lágrimas, flores verdes de remorsos, frutos verdes, mas podres, de culpas.

★ ★ ★

Tendo os dois sido amigos e colaboradores em «O Nacional», é curioso quadrar esta diferença entre um pecador como Camilo Castelo Branco e um contraditório exemplar de prelado liberalão, como o Bispo de Viseu, D. António Alves Martins (ao qual o Romancista fez o seu primeiro pedido de título nobiliárquico: então, «Visconde de Montezelos»). Assim, enquanto o Homem-de-Igreja opinava esta bizarría, perpetuada no pedestal da estátua visense, «A religião deve ser como o sal na comida; nem demais, nem de menos», — CAMILO escreveu no «Anátema»: «As suas devoções eram no meu oratório, e ao princípio muito continuadas e excessivas, «se é que pode haver excesso em falar com o espirito divino».

★ ★ ★

...Onde pode «haver excesso», exagero, é, por contraditório que pareça, em ser-se ajuizado, prudente, ponderado, «solene de sobriedade...». Em síntese, — pode haver

«excesso...» no «meio termo», na-quele «meio» em que os beócios e os amedidos julgam residir sempre a Virtude.

Pode este paradoxo chegar para explicação do aborrecimento, da indiferença colhidos por certas indoles, sem dúvida pacatas e honestas, de sociólogos, economistas, ou técnicos, muito bons concertadores de políticas ou máquinas... mas aos quais faz mingua considerável não possuírem aquele «bocado de pitoresco depois do almoço», — que até a miope visão de um Eça lobrigava entre as utilidades.

Molière expressou-o insuperavelmente em dois versos:

«La parfaite raison fuit toute ex-
tremité
Et veut que lon soit sage avec sobriété».

★ ★ ★

A única receita para a existência não tresendar insuportavelmente a chateza e cálculo, a quem for inteligente, passar dos 30 anos e não tiver os motivos optimistas dos galãs cinematográficos, das cantadeiras bem protegidas, dos banqueiros, dos pontapeadores de bola e dos socadores de semelhantes, — é contempla-la de relance, como um bebado primário: parecerá acidentada e óptima. Parece-rá até «mais do que uma...», enquanto não vier o amoniaco lacrimogenio de uma Doença, de um Luto, unificá-la na clara imagem de Deserto cheio de camelos, tão hermeticamente egoístas como sábias esfinges!

NOTÍCIAS VARIAS

MENELIK II, imperador da Etiópia, era amigo íntimo do sábio Howyan, astrónomo em Addis-Abeba. Com ele mantinha larga correspondência científica, relatando-lhe as suas observações astronómicas. Menelik II era sócio fundador da Sociedade Astronómica de França, contribuindo menço com as suas profundas observações para o brilhantismo do «Boletim» daquela iminente corporação científica. Faleceu em 1813.



MICKE Mazurki, ex-campeão de boxe, que enveredou pela carreira de actor, é considerado um permanente perigo público em Hollywood e, sobretudo, dentro dos estúdios, onde a sua força física tem feito sérios estragos... Sempre que toma parte numa cena violenta, alguém tem de recorrer aos médicos. Nunca ele, que se fica a rir.

Entre as suas mais recentes vítimas, figuram Dick Powell, que partiu um dente; George Raft, que deslocou um pulso; e, mais recentemente, Robert Taylor, que sofreu uma distensão muscular no pescoço.

E digam lá, agora, que tudo e fita...

DIZEM os sábios que as pessoas de olhos escuros vêem melhor de noite do que as que têm olhos claros. Os negros, com uma pigmentação máxima nos olhos, desfrutam de duas a quatro vezes melhor vista nocturna do que os brancos. As pessoas de olhos claros são também mais sensíveis à iluminação brilhante; e são mais intensamente afectadas pela luz dos faróis do que as outras.

Porquê?...



O homem, em setenta anos de vida, come (reparem neste número astronómico) o equivalente a 1.400 vezes o peso do seu corpo; quer dizer: 100 toneladas de alimentos.

Nos países civilizados, em épocas normais, isso significa 6.000 pães de quilo, 300 galinhas, 2.000 peixes, 4.500 quilos de sal e 4.000 quilos de açúcar.

E para comer tudo isto o homem leva nada menos do que cinco anos completos.

**LEIAM ÀS 6.ªS FEIRAS
VIDA MUNDIAL**



«LE PETIT SOLDAT»

o primeiro filme de desenhos animados, colorido, feito em França

PAUL Grimault, que alinha entre os mais cotados realizadores do cinema francês, consagra a sua actividade, há doze anos, ao aperfeiçoamento da técnica do desenho animado. O seu primeiro filme, de grande metragem, foi concluído com êxito. Trata-se de «Le Petit Soldat» — uma história humana transportada para o mundo dos bonecos.

Baseando-se num conto de Anderson, Jacques Prévert compôs um enredo de fina sensibilidade, cuja acção gira em volta de um acrobata, que conquista o coração de uma boneca, depois de ter feito diante dela uma exibição de malabarismo. Entretanto, a guerra deflagra e, abalando o mundo dos brinquedos, atira o acrobata para o campo de batalha. A pobre boneca é feita prisioneira pelo diabo, que tenta desalojar o acrobata do coração dela. Não o consegue, porque a boneca permanece fiel. Após di-



Uma imagem do «Petit Soldat»

versas peripécias, os namorados voltam a encontrar-se num bloco de gelo, que desce um rio, enquanto o sol atravessa uma névoa, como feliz preságio de melhores dias.

«Le Petit Soldat» foi premiado no Festival de Veneza.

A RITINHA, menina-prodigio

PROVOCA COMENTÁRIOS

RITA Hayworth continua a dar que falar em Hollywood. O procedimento da formosa vedeta segundo refere um telegrama de Chicago, «ofende a honra da mulher americana» — declara uma senhora, dirigente da Federação dos Clubes Femininos Americanos.

Por sua vez, depois de deplorar o idílio de Rita Hayworth, divor-

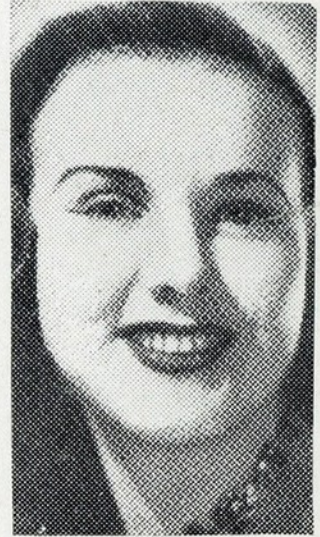
ciada e mãe de uma pequenita de quatro anos, com o filho do multimilionário Aga Khan, também casado e pai de família, Joseph Chesser, especialista da secção cinematográfica da Federação Geral dos Clubes Femininos, propõe que os cinco milhões de filiados nos mesmos clubes hostilizem, abertamente, todos os filmes em que Rita Hayworth desempenhe uma personagem de destaque.

CINEMA NACIONAL



Ana Paula e o «matador» Manuel dos Santos — as duas figuras do primeiro plano — numa cena, plena de côr e significação, de Sol e Touros, uma das películas portuguesas agora em rodagem lá para as bandas do Lumiar

SE O PROXIMO FILME
NÃO AGRADAR...



DEANNA DURBIN

ENCONTRA-SE PERANTE
UMA SÉRIA AMEAÇA

SEGUNDO notícias de Los Angeles, a Universal não está satisfeita com os resultados financeiros dos últimos filmes de Deanna Durbin. Fala-se, mesmo, que aquela firma produtora se encontra na disposição de lhe conceder a liberdade, indemnizando-a com a compra do seu contrato.

A causa desta atitude resulta de Deanna Durbin ter feito ultimamente demasiadas exigências. Produziu-se, deste modo, um mal-estar, agravado por os temas dos seus filmes, por ela escolhidos, não terem obtido o agrado unânime do público e da crítica.

Se Deanna Durbin não melhorar a sua situação, dentro da Universal, com um grande êxito do seu próximo filme, é provável que se veja obrigada a abandonar o estúdio que a tornou célebre. Talvez que este facto, a verificar-se, contribua mais depressa para a realização do seu sonho: tornar-se produtora, independente, dos seus filmes.

LEIAM TODOS OS SÁBADOS

O «SEGULO ILUSTRADO»



A jovem secreária foi vista nos clubes nocturnos, na companhia do dr. Young, com os vestidos da senhora desaparecida

— **V**ISTE isto? — perguntou o capitão James Bean, dos Serviços de Homicídio de Los Angeles, atirando com o jornal para cima da secretária c'o agente distrital, Harold Davis. Davis pegou no jornal e leu. A história era bastante estranha. Referia-se à morte de um indivíduo, cliente do dentista dr. Thomas W. Young, o qual engolira um dente. — Que coisa tão estranha não achas? — comentou o investigador. — Ai está a prova de que o dinheiro não dá felicidade. Este «pássaro», que deve ganhar cerca de 10 a 15 mil dólares por ano, casado com uma mulher bonita e rica, com magnificas relações na alta sociedade uma bela casa e tudo, tem sido nos últimos dois ou três meses perseguido pelo azar. — Refereste ao desaparecimento da mulher? — Exacto. Sabes mais alguma coisa a esse respeito? — Nada. Mas, o pai dela não desiste de a encontrar. Ainda est'í manhã falei com ele. Foi por isso que te mandei chamar.

Horas antes, Frank W. Hunt, pai da desaparecida Grace Young, estivera no escritório do capitão Bean a exigir que a Polícia de Investigação Criminal tomasse providências para encontrar a filha desaparecida.

— O marido matou-a — acusou em altos berros. — Há mais de seis semanas que não recebo notícias dela...

— Um momento! — interrompeu o capitão. — Quando se faz uma acusação tão grave é preciso

ter provas. Apresente-mas, pois.

— Basta... basta dizer que ela desapareceu há seis ou sete semanas e nunca mais tive notícias suas.

— Mas o marido tem-nas recebido.

— Tem o quê?

— Tem recebido notícias dela... cartas, escritas de diversos pontos... a última veio de Nova York e está datada de 25 de Março, ou seja, «há duas semanas». Ele participou-nos o desaparecimento uma semana depois de ela partir. Depois, recebeu a primeira carta, dizendo que estava boa de saúde. Desde então tem recebido, periodicamente, outras cartas.

— Não acredito — asseverou o velho milionário. — Eu conheço bem esse bandido. Forjou as cartas, com certeza.

— Não, não são — replicou cal-

mamente Bean. — Três peritos em caligrafia já compararam estas cartas com outras por ela escritas a uma amiga, antes de desaparecer e eles garantem unanimemente que as recebidas pelo dr. Young foram escritas por ela. Quer ver?

— Quero.

O capitão Bean mandou buscar o «dossier» da documentação e mostrou vários relatórios ao pai da senhora desaparecida. Lá estavam assinaladas as cartas — uma de Los Angeles, outra de Deuver, duas de Detroit e outra de Nova York. Esta era a datada de 25 de Março e a última recebida.

Uma expressão de pasmo estampou-se no rosto de mr. Hunt à medida que, cuidadosamente, lia os documentos apresentados. Quase todas as cartas eram de mesmo teor. A signatária andava a passear, estava de boa saúde, contava regressar a casa brevemente e, segundo tudo indicava, parecia divertir-se extraordinariamente com estas «férias maritais».

— É realmente a letra de Grace — admitiu francamente o financeiro — tanto a dos envelopes como a das cartas. Mas, não percebo. Não é dela esta coisa de estar tanto tempo sem me dar notícias. Sabe por que é que ela saiu de casa?

— Só sei o que o dr. Young conta. Discutiram no dia anterior e a sua filha sugeriu ser boa ideia

— O quê! É impossível! Os títulos «Liberdade» pertencentes a minha filha estão dentro do meu cofre.

— Eu não disse que os títulos eram dela. Deu-lhos o marido.

— Cem mil dólares! Ele nem dez mil tem!..

— Seja como fôr, há um recibo assinado por ela.

— Não acredito.

Bean voltou a pegar no «dossier» e entregou-lhe uma folha de papel.

«Recebi do meu marido, Thomas, em 21 de Fevereiro de 1925, cem mil dólares em títulos «Liberdade».

a) Grace Grogan Young».

— É a letra dela, sim! — antecipou-se a dizer o chefe da Polícia.

— Os mesmos peritos garantem-no. A propósito, porque é que só apareceu agora a prestar declarações, se estava tão alarmado com o desaparecimento da sua filha e com a possibilidade dela ter sido morta?

— Porque, à medida que o tempo passava, eu estranhava não ter notícias dela e, depois, principiei a ouvir boatos de que ela saíra de casa.

— Porque não falou com o dr. Young?

— Porque estamos de relações cortadas desde que ele casou com a minha filha.

Bean teve pena do homem,

quando o viu levantar-se para sair.

— Está convencido... de que ela... está morta? — inquiriu a medo.

— Não disse isso — respondeu o capitão, evasivamente.

Os mortos não escrevem cartas

— Mas estou realmente convencido de que a senhora está morta — declarou a Davis quando acabou de escrever a entrevista com o financeiro.

Davis mostrou-se desconcertado. — Agora, sou eu que não percebo. Ainda há pouco tempo recebeu-se uma carta da sr.^a Young e tu dizes não haver dúvidas sobre a autenticidade da letra. Tens algum motivo para crer que alguém a matou, entretanto?

— Não. Mas, há uma coisa que me faz pensar ser possível que ela esteja morta muito antes disso.

— Antes! Não me diga que me quer convencer de que os mortos agora escrevem cartas!..

Bean sorriu ao ouvir a exclamação.

— Até hoje ainda não aconteceu. Porém, quando interroguei Young, ele deu-me o nome de algumas das pessoas com quem tinha estado no «Plantation», mas não conseguiu citar uma única que tivesse visto no «Biltmore».

ELA USAVA OS VESTIDOS DA DESAPARECIDA

afastaram-se, um do outro, algum tempo. Devo acrescentar que ele o considera um dos responsáveis da ideia. Estava até disposto a ir falar consigo. Poupou-me trabalho. O seu genro julga que foi o senhor quem induziu a sua filha a afastar-se.

— Eu? Porquê?

— Diz que estiveram juntos na «Plantation Inn» nessa noite e depois foram ao «Biltmore». Ai, ela deixou-o abruptamente e, quando a procurou, viu-a a entrar num «taxi» na sua companhia. Mostra-se convencido de que ele lhe telefonou a contar a questão que tinham tido e que o senhor a aconselhou a deixá-lo, e...

— Mas que grande mentira — explodiu mr. Hunt. — Não estive no «Biltmore» nessa noite. O que pretende ele dizer com isso? Que eu raptiei a minha própria filha? Já não vou ao «Biltmore» há... sei lá quanto tempo...

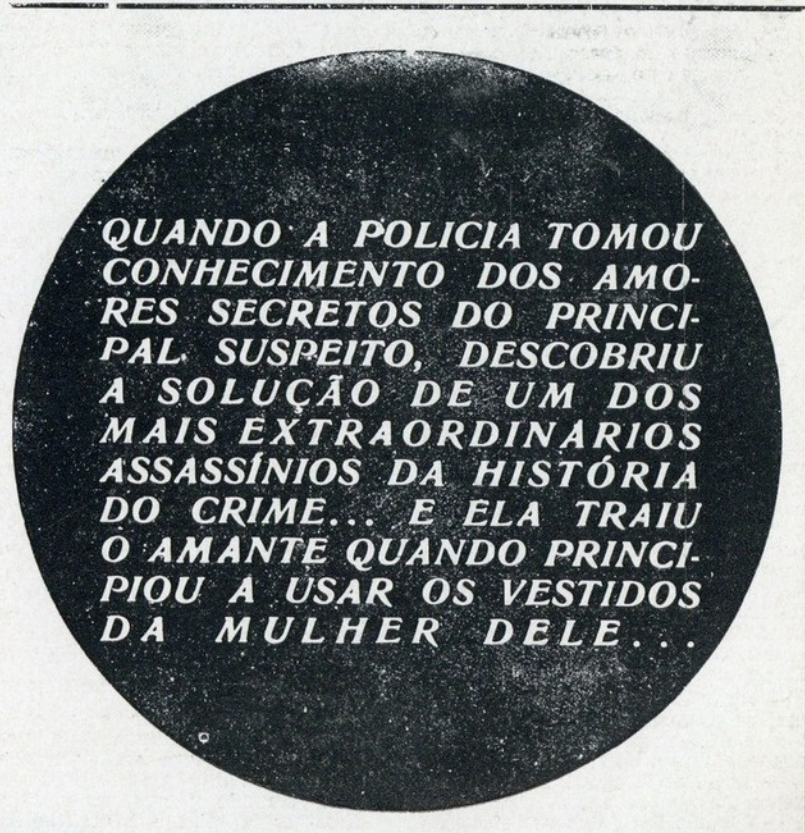
— Bom, então, onde «esteve» nessa noite?

— Sei lá! Isso já foi há quase dois meses.

— Veja se se lembra — sugeriu Bean — e depois diga-me.

— O que não percebo e me preocupa — continuou o financeiro — é não saber como está ela a viver... se é que vive. Ela não levantou dinheiro nenhum desde então...

— Levou cem mil dólares em títulos «Liberdade» — afirmou Bean.



QUANDO A POLICIA TOMOU CONHECIMENTO DOS AMORES SECRETOS DO PRINCIPAL SUSPEITO, DESCOBRIU A SOLUÇÃO DE UM DOS MAIS EXTRAORDINARIOS ASSASSÍNIOS DA HISTÓRIA DO CRIME... E ELA TRAIU O AMANTE QUANDO PRINCIPIOU A USAR OS VESTIDOS DA MULHER DELE...

— Como explica ele isso?
— Diz que estava semi-embriagado, que as coisas estavam muito confusas, quando chegou ao «Biltmore», e que não consegue recordar-se de nada do que se passou depois.

— Essa explicação não deixa de ser lógica.

— Possivelmente. Falei com meia dúzia de pessoas que estiveram no «Biltmore» nessa noite e que conhecem o casal Young de vista e ninguém se recorda de os ter visto. Francamente não acredito que lá tivessem estado.

— Então, suspeita de Young?

— Bom, prefiro dizer que não se ilibou completamente. Reconheço a possibilidade de estar tão embriagado que não se lembre de nada; no entanto...

— Mas, e as cartas? Como se explicam?

— Não sei, talvez...

A campainha do telefone interrompeu-o. Atendeu.

— Sim, mr. Hunt... Optimo, mr. Hunt. Traga-os cá imediatamente, se faz favor.

Desligou e voltou-se para o seu interlocutor.

— Era o pai da sr.^a Young. Diz que esteve no clube até depois da meia-noite de 21 de Fevereiro e que assinou várias facturas, que têm a hora a que as requisições foram feitas. Ele vem aí mostrar-nos.

Momentos depois, o mr. Hunt, mais impaciente do que nunca, enfiou pelo gabinete.

— Eu bem lhe dizia que ele era um mentiroso. Olhe — e entregou meia dúzia de folhinhas de papel, cinco a requisitar bebidas e uma, um jantar. O tempo estava assinalado entre as 9 e 12 e as 12 e 38. — E mais. Falei com o meu motorista e lembra-se, porque me pedira que lhe desse o dia seguinte livre, de me ter ido buscar ao clube e ter levado directamente para casa. Está lá fora, se quiserem confirmar.

Interrogado, o motorista corroborou as declarações do patrão. A exultação de mr. Hunt desapareceu perante a preocupação que lhe causava o desaparecimento da filha. Repetidamente, tentou arrancar, ao capitão Bean, uma opinião. Mas este manteve-se na expectativa. À luz das novas provas, o dr. Young era apenas um suspeito.

— Mas, as cartas! — objectou Davis, depois de Hunt sair.

— Repito que não sei, nem compreendo — respondeu Bean, irritado. — Mas «tu vais» descobrir o mistério.

— «Eu»?

— Sim, tu. Encarrego-te do caso. É uma brincadeira de crianças. Só tens de descobrir como é que uma morta escreve cartas ao marido.

Em seguida, pondo de parte o problema das cartas, Davis falou com o notário da sr.^a Young, explicando-lhe confidencialmente que «estava a tentar descobrir um possível motivo para ver o testamento da senhora. Esta dividia os seus bens em quatro partes iguais, deixando uma ao marido, duas aos seus irmãos Harry e Earl e outra a um sobrinho, James F. Hunt». Davis mostrou-se surpreendido.

— Ela não tem um filho do primeiro casamento... como se chama ele... o milionário a quem cognominaram de Rei do Óleo?

— Sim, Pat Grogan. Tem agora dezassete anos.

— Ela não lhe deixa nada?

— Não precisa — respondeu o

advogado. — Quando o pai morreu, deixou-lhe uma fortuna colossal.

Davis avistou-se com Earl e com Harry, os irmãos da desaparecida, procurando saber mais qualquer coisa.

— Se o dr. Young tem amantes, nem Earl nem Harry temos conhecimento disso — informou Harry.

— porque Grace nunca nos falou a esse respeito. Eles não se davam bem, por incompatibilidade de génios, como acontece a tanta gente casada. Young não é tão mau como o nosso pai o pinta, embora nenhum de nós simpatize com ele, especialmente, com excepção de Pat Grogan, que gosta muito do padraço.

Bastante admirado com os resultados destas investigações, Davis decidia fazer uma revisão dos trabalhos já realizados. Voltou a inquirir algumas das testemunhas e, logo de início, teve a sorte de descobrir elementos novos, da boca do porteiro do «Biltmore», que não fôra ainda interrogado.

— Conheço bem a sr.^a Young e recordo-me perfeitamente de a ter visto entrar para um «taxi», na companhia de um senhor, no dia 21 de Fevereiro.

— Como é que tem a certeza da data?

— Porque o dia seguinte era o dia dos meus anos e ela deu-me os parabens e uma gorgeta.

— A pessoa que acompanhava a sr.^a Young era o marido?

— Não conheço o dr. Young.

— Então, como era ele, velho ou novo, alto ou baixo, ou quê?

— Não faço a mínima ideia. Não lhe dei atenção alguma.

Davis foi à Central comunicar ao capitão Bean o que conseguira saber.

— Andava à tua procura — informou-o. — Lê este relatório de Murphy.

O guarda Murphy tinha sido encarregado de seguir Young. Comunicava que o dentista almoçara no dia anterior com uma jovem muito interessante e que passara com ela algumas horas num clube nocturno, nessa mesma noite. No entanto, ao regressarem a casa, o agente perdera-lhes a pista.

— Gostava de saber quem é esta pequena — comentou Davis.

— Provavelmente alguma empregada do dr. Young — sugeriu Bean. — Murphy acrescenta que, depois do almoço, eles foram os dois para o consultório. Sabes muito bem onde deves esclarecer estes romances de amor. Vamos a isto!

— Queres dizer que devo ir falar com os criados da casa, não?

— Exacto. E por aí que deves principiar.

Davis concordou e levantou-se. Quando chegou a casa do dr. Young reuniu os cinco criados e procedeu aos interrogatórios. Não deixou de ficar atónito ao verificar que só dois criados — um filipino e a cozinheira negra — estavam empregados anteriormente a 23 de Fevereiro. Os outros, segundo estes disseram, tinham sido peremptoriamente despedidos pelo dono da casa na manhã de 22 de Fevereiro.

— Ele despediu-nos a todos — disse o rapazito filipino. — O patrão estava muito zangado, não sei porquê. Pôs-nos a todos na rua. Quando iam para sair, disse-nos, a mim e à cozinheira, para ficarmos.

— Sim, os senhores zangavam-se muitas vezes — acrescentou a cozinheira, em resposta a uma pergunta que lhe foi feita. — Mas, quase sempre por espírito de contradição. Quando um queria uma coisa, o outro tinha logo opinião diversa. Nunca os vi com companhias que pudessem provocar ciúmes um ao outro.

— Quando viram a sr.^a Young pela última vez?

— Em 21 de Fevereiro, dois dias antes de sermos despedidos.

— E a respeito da roupa? Ela não levou nada consigo?

— Se levou, não vi. Só sei que um dia mandou buscar o casaco de peles.

Sem querer, Davis deu um salto. Aí estava uma informação cheia de interesse.

— Ah, sim?! Quem foi que veio buscar o casaco.

— Não sei. Nunca a tinha visto.

— «Nunca a tinha visto»... então era uma rapariga, não?

— Sim. Ela disse-me que a sr.^a Young tinha dito para lhe entregar o casaco e eu não discuti — acrescentou o filipino.

— Falou nisso ao dr. Young?

— Claro. Contei-lhe logo que ele chegou a casa nessa noite.

— Que respondeu ele?

— Nada... que estava bem.

— Depois disso, não vieram buscar mais roupa?

Ambos responderam negativamente. Os outros criados nada mais adiantaram.

Decorridos alguns dias, Davis pediu a Bean que mandasse fazer um inventário secreto ao guarda-roupa da sr.^a Young, mandando entregar a todos os agentes encarregados da fiscalização das investigações deste caso uma cópia dos vestidos e das joias da senhora desaparecida.

Entretanto, nada de novo ocorreu. Não apareceram mais cartas nem o dr. Young foi visto na companhia de qualquer mulher. Davis, mais uma vez, reviu os elementos de investigação em seu poder. Recordou-se do testamento da sr.^a Young. Uma ideia atravessou-lhe a mente. Pat Grogan, o filho do primeiro matrimónio da sr.^a Young, era riquíssimo, por herança paterna. Que aconteceria se ele morresse?

Antes que pudesse esclarecer este ponto, outro relatório de Murphy causou sensação entre os investigadores. O dr. Young fôra visto no «Biltmore» na companhia da mesma jovem, com duas sensacionais agravantes — a rapariga em questão era Sybil Carter e estava empregada no consultório do dentista e, nessa noite, ela vestia o casaco de peles e um dos vestidos de baile da sr.^a Young.

Davis voltou a interrogar a cozinheira e o criado filipino. Ninguém fôra buscar as peças de vestuário, lá a casa. Logo o dr. Young tratara desse assunto, em pessoa, com a sua jovem amiga. Passados dois dias, uma busca secreta, passada ao guarda-vestidos, revelou que o casaco e o vestido usados dias antes já estavam de novo guardados. E isto aconteceu, posteriormente, mais três vezes.

Finalmente, Davis foi falar com Pat Grogan. Quando o detective lhe comunicou o motivo da visita, o jovem milionário manifestou a sua irritação pelas suspeitas atribuídas ao dr. Young. Não havia dúvida de que, conforme haviam afirmado os irmãos da sr.^a Young, Pat era amicíssimo do padraço.



— Porque não o deixam descansar, de uma vez para sempre — exclamou um indignado. — O dr. Young é uma excelente pessoa e sempre o foi. Sei-o por experiência própria. Temos sido companheiros em dezenas de caçadas e pescarias.

— Um momento, por favor. Se a sua mãe foi vítima de um crime, não gostaria de fazer punir o responsável? — perguntou Davis.

— Certamente. Mas, os senhores nada têm contra o meu padrasto.

— Quando esteve com ele pela última vez?

— Há poucos dias. Estivemos a trabalhar no meu «rancho», a tapar uma cisterna que já não serve para nada. Costumamos ir pescar e caçar para essa minha propriedade.

— Sabe que a sua mãe não lhe deixou nada em testamento?

— Sei, sim. Não preciso do dinheiro da minha mãe. Meu pai deixou-me de sobra.

— Quem herda a sua fortuna, caso morra?

— Minha mãe, claro.

— E depois da morte dela?

— O dr. Young. Ainda há pouco tempo fiz o meu testamento, segundo essas cláusulas.

— A ideia foi sua, evidentemente?!

— Não... não foi — uma expressão de alarme desenhou-se no rosto do adolescente. — A ideia foi do dr. Young. — acrescentou num murmúrio. — Foi ele... quem... quem me sugeriu isso.

Aproveitando a desorientação que notou no jovem milionário, Davis insistiu:

— Ainda acha que não devemos investigar o desaparecimento da sua mãe?

— Não sei... não sei... o que hei-de pensar!

— Não pense nada. Conserve-se silencioso sobre a minha visita e durante estes dias mais próximos, não vá ao «rancho».

A loura estava apaixonada

Quando Davis e o capitão chegaram ao consultório do dr. Young, este não estava. Sentada à secretária, miss Carter escrevia uma carta.

— Estamos a acabar as investigações sobre o caso do cliente que morreu por ter engolido um dente — declarou o capitão, depois de se ter apresentado a si e ao seu companheiro. — Nós esperamos pelo dr. Young.

Davis vagueou pelo gabinete, examinando tudo distraidamente. Por cima dos ombros, observou o que miss Carter estava a fazer. Sem qualquer aviso, aproximou-se mais e pegou na folha que ela estava a escrever.

— Que vem a ser isto? — perguntou ela, de olhos chamejantes de colera. — Os polícias são todos assim tão brutos?

— Alguns são — replicou Davis. — Principalmente aqueles que investigam crimes.

A irritação da rapariga desapareceu como por encanto.

— Não percebo... o que quer dizer com isso...

— Repare, capitão — disse Davis, sem lhe dar atenção. — Veja este papel... é igual ao das cartas da sr.^a Young.

Bean voltou-se para a loura,

absolutamente esmagada pela atitude dos dois homens.

— Que diz a isto, menina?

— O quê... eu... eu não sei nada disso... este papel é do doutor...

— A menina tem andado muito com o doutor ultimamente... Costuma até vestir os vestidos de baile e o casaco de peles da esposa dele, não é verdade? Os criados já a identificaram como tendo sido a pessoa que foi lá buscar o casaco, não foi? — acrescentou fazendo «bluff».

— Sim... eu... eu...

Começou a chorar, sem poder dizer mais nada.

— Está apaixonada por ele, não?

Ela acenou afirmativamente. Nessa altura, entrou o dr. Young. Parou no limiar da porta, a olhar para os dois detectives. Manteve-se imperturbável, apesar de tudo.

— Queiram fazer o favor de me explicar o que vem a ser isto? — perguntou, glacialmente.

— Certamente — replicou Davis, sem se desmanchar. — Quer dizer que o senhor está preso, sob a acusação de ter assassinado a sua mulher.

O dr. Young não se perturbou. Os dois investigadoras admiraram o seu auto-domínio.

— Não acho graça nenhuma a essas brincadeiras.

— Nem eu. Mas, não me parece que isto seja história para se achar graça.

— O senhor está doido? Como é que me pode fazer semelhante acusação, depois de ter lido as cartas que Grace me escreveu.

— Cartas escritas em papel daqui do consultório...

— Minha mulher usava-o muitas vezes.

— Nenhum tribunal acredita nisso. Especialmente depois de saber que miss Carter o costuma acompanhar por toda a parte com vestido da sua mulher — reforçou Bean.

Na Central, o acusado continuou a reiterar a sua inocência, mantendo esta atitude no dia seguinte, apesar de constantemente interrogado. No meio de um dos interrogatórios, o telefone soou. O capitão Bean atendeu e, durante alguns minutos, falou por monossílabos, de modo que nem Davis nem Young conseguiram perceber do que se tratava.

Quando desligou, Bean voltou-se para Young e exclamou:

— O cadáver da sua mulher foi encontrado dentro da cisterna do «rancho» de Pat Grogan!

Young cedeu finalmente. Toda a sua pose, a sua irritação, as suas ameaças de vingança se evaporaram. Deixou pender a cabeça para a frente, apoiando as mãos aos braços da cadeira, para não cair.

— Sim... fui eu... fui eu... sim — confessou. — Quero morrer...

— Esteja descansado; naturalmente é o que lhe sucede. Merece-o bem. Vamos lá a confessar como isso foi — disse Davis, sem dó nem piedade.

Quero morrer! . . . Quero morrer! . . .

Chamado o estenógrafo, o criminoso iniciou a confissão pormenorizada do que se passara.

— Nessa noite, estivemos realmente no «Biltmore», mas não nos demorámos quase nada. Tomámos um «taxi» e fomos ao meu

consultório. Grace estava insupportável, sempre a implicar comigo e a dar-me ordens. Resolvi matá-la, quando tivesse oportunidade. Quando estava embrigada, era o único momento em que ela obedecia ao que eu lhe dizia. Achei que aquela era a noite ideal para executar o meu plano. Fi-la tomar mais umas bebidas e, quando vi que a bebedeira lhe dava para a ternura, sugeri que jogássemos um jogo.

— Qual jogo?

— Uma brincadeira em que ela fingia que ia fazer uma viagem. Comecei por lhe dizer que ela me devia pedir dinheiro. Ela riu-se e escreveu uma declaração em como eu lhe tinha dado cem mil dólares em papéis de crédito da série «Liberdade». Depois, tracei-lhe o itinerário da viagem. Primeiro, Deuver, depois, Detroit, Nova York, etc., mandando-a escrever cartas a dar-me notícias das cidades onde estava...

Bean e Davis entreolharam-se. Estava explicado o mistério das cartas escritas aparentemente por uma morta.

— Fiz expedir a primeira carta na devida altura e...

— Quem expediu essas cartas?

— Isso nunca direi... envolveria gente inocente. Depois das cartas escritas, sugeri que fossemos passar o fim de semana ao «rancho» de Pat. Quando lá chegámos, Grace estava cada vez mais utilizada. Tornei-a inconsciente, forçando-a a aspirar clorofórmio, que eu trazia sempre no meu carro, e meti-lhe dois bocados de algodão no nariz, para ter a certeza de que ela não voltava a acordar. Depois, embrulhei-a numa manta e atirei-a para dentro da cisterna. Arranjei um bocado de cimento e cobri-lhe com ele o corpo. Dias depois, fui para o «rancho» com Pat, com quem já conversara antes sobre as obras que achava necessárias na propriedade, e a primeira coisa que fizemos foi tapar a cisterna. Pat ajudou-me neste trabalho sem suspeitar de que estava a enterrar a mãe... Nada mais tenho a dizer. Vocês sabem o resto. Mas, gostava de saber o que os fez suspeitar de mim.

— Não foi muito difícil! — explicou Davis. — As cisternas têm sido há centenas de anos o local predilecto para os assassinos esconderem os seus crimes. Quando ouvi falar numa cisterna, fiquei desconfiado...

No dia 27 de Agosto de 1925, Young foi julgado, por homicídio premeditado, pelo Supremo Tribunal, presidido pelo juiz Edwin F. Hahn, estando a acusação pública a cargo do procurador distrital Asa Keyes.

Sybil Carter conseguiu ficar ilibada de qualquer culpa, visto ter declarado que Young lhe dissera que a mulher o tinha deixado definitivamente e nunca mais voltaria.

— Eu não sabia que ele a tinha assassinado e nunca pensei que fizesse mal em vestir os vestidos dela.

No final da primeira audiência, Young começou a repetir constantemente, como se fosse uma ideia fixa.

— Quero morrer! Quero morrer!

Com efeito, o seu desejo era sincero. Nessa mesma noite, enforcou-se na cela, onde estava preso, com um bocado de corda que arranjou não se sabe como.



**O LIVRO INDISPENSÁVEL
EM TODAS AS CASAS
AGENDA DO LAR**

Foi posto à venda este precioso auxiliar da boa ordem doméstica. Com ele não haverá imprevistos económicos se diariamente se cumprir o registo das contas caseiras. Pelo apuramento mensal verificar-se-á o deve e haver da contabilidade do lar

Além das páginas destinadas diariamente à escurturação, contém: CENTENAS DE RECEITAS DE CULINÁRIA PRÉVIAMENTE EXPERIMENTADAS. Uma folha «memorando» destinada a registar datas de aniversários, baptizados, deveres de sociedade ou programas de trabalho; consultas de beleza para o tratamento da pele, das mãos, dos cabelos, etc. Conselhos sobre a educação das crianças e deveres dos adultos para com elas; curiosidades de todo o Mundo sobre ciência, geografia, história, etc. Anedotas; regras de etiqueta, para bem viver em sociedade; conselhos práticos às mulheres que trabalham, relativos à «toilette», beleza, atitudes, etc.; vários processos para a higiene do lar, no que respeita à limpeza de pratos, aluminios, couros, encerados, madeiras, vidros, etc.; medicina caseira; idéias para decorações do lar e UM ÍNDICE QUE FACILITA A PROCURA DO QUE SE DESEJA

Este livro, braço direito de toda a Dona de Casa consciente, contém ainda elementos de cultura e distração que podem preencher algumas horas agradáveis num serão de Inverno

Um volume de 400 páginas, primorosamente cartonado a cores 15\$00

A venda em todas as livrarias do País
e na sucursal do «Século», no Porto
PEDIDOS A EDITORIAL SÉCULO
Rua do «Século», 63 — LISBOA